

Palavras e imagens, imagens e palavras: uma abordagem bakhtiniana

Professora Doutora Maria Cristina Hennes Sampaio (UFPE)¹

Professora Katia Magdala Lima Barreto (UFPE)²

Mestranda Ludmila Mota de Figueiredo Porto (UFPE)³

Mestrando João Pereira Vale Neto (UFPE)⁴

Resumo:

O presente trabalho tem por objetivo descrever a relação possível entre imagens e palavras na perspectiva bakhtiniana. Parte-se do pressuposto de que da mesma forma como as palavras são feitas de contrastes acústicos e transformadas em enunciados culturais, as imagens são “recortadas” de um universo multidimensional através de um processo de redução semiótica que torna possível sua visibilidade. Quanto ao espaço, esse contém dois elementos importantes: o movimento e o sentido que é criado em movimento (WALL, 1998). Nesse contexto insere-se a memória que não é simplesmente passado, mas um motor no presente que nos permite olhar o passado e o futuro.

Palavras-chave: Palavras- imagens, sentido, memória

Abstract:

This paper aims to describe the possible relationship between images and words in the point of view of Bakhtin. We begin with the presumed idea that, in the same way words are made of acoustic contrasts transformed into cultural utterance, and images are “cut” from a multidimensional universe. This is done through a process of semiotic reduction which makes its visibility possible. Concerning space, it has two important elements: the movement and the meaning it creates during the movement (WALL, 1998). Memory is inserted within this context, which is not simply the past, but a means in the present that allows us to look at the past and the future.

Keywords: Words-images, meaning, memory

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo descrever a relação possível entre imagens e palavras. Em quais espaços a imagem e a palavra entram em colisão? Desenvolver-se-á um quadro teórico-metodológico que parte do pressuposto de que as palavras e as imagens têm em comum uma fronteira. Para Wall (1998), da mesma forma como as palavras são feitas de contrastes acústicos e transpostas, através de um processo de redução significativa, em enunciados culturais, as imagens são “recortadas” de um universo de cores, luz e espaço, mobilidade e contrastes através de um processo de redução semiótica que torna possível sua visibilidade. Em relação ao espaço, segundo o autor (WALL, 1998), esse contém dois elementos importantes: o movimento e o sentido que é criado em movimento. Ele nasce à medida que o movimento nos obriga a seguir um espaço entre outro espaço. A compreensão do espaço é importante, pois dele depende a compreensão do espaço entre o futuro que se faz no passado, sendo o presente o início do tempo humano, da história de um tempo vivido. A memória não é passado, é um motor presente e, ainda que ela não compreenda um espaço físico, há um espaço humano dialético que nos permite olhar o passado e o futuro.

A imagem como palavra, a palavra como imagem

Bakhtin, em seu livro *Estética da Criação Verbal* (1997, p.402), levanta uma intrigante questão: “Até que ponto é possível descobrir e comentar o *sentido* (da imagem ou do símbolo) unicamente mediante outro sentido isomorfo (símbolo ou imagem)?” Para o autor (BAKHTIN, 1997, p.401-402),

A passagem da imagem para o símbolo revela a profundidade e a perspectiva do sentido. [...] A imagem deve ser compreendida pelo que ela é e pelo que significa. O conteúdo do símbolo autêntico aparece através do encadeamento mediador de um sentido que foi correlacionado com a ideia da totalidade universal (do conjunto universal

cósmico e humano). O mundo tem um sentido — “a imagem do mundo manifestada na palavra” (Pasternak).

Com isso o autor (BAKHTIN, 1997, p. 401-402) parece indicar que a imagem “significa” em sua passagem para o símbolo cujo conteúdo é mediado por um sentido socialmente construído no âmbito das relações humanas. Assim, coloca-se em evidência o reconhecimento de que os sentidos estão imbricados nas imagens e nas palavras.

Ao mesmo tempo, para significar é preciso compreender. Daí advém uma “definição do sentido em toda a profundidade e a complexidade de sua essência”, enquanto “o ato de compreensão concebido como descoberta do que existe, mediante o ato da visão (contemplação), e [...] mediante a elaboração criadora a que o submetemos.” (BAKHTIN, 1997, p.401-402).

As imagens assim como as palavras, por sua vez, também podem ser associadas à ideia de inacabamento:

O homem não pode juntar a si mesmo num todo exterior relativamente concluído, porque vive a sua vida na categoria de seu eu. Não é por falta de material no plano de sua visão externa — ainda que sua insuficiência seja considerável — mas por falta de um princípio valorativo interno que lhe permitisse, de dentro de si, ter uma abordagem para sua expressividade externa. Espelho, fotografia, auto-observação nada mudarão. Na melhor das hipóteses, obtém-se uma falsificação, um produto estético criado de modo interesseiro, a partir do outro possível, desprovido de autonomia (BAKHTIN, 1997, p. 55).

As imagens também devem ser compreendidas à luz do excedente de visão estética do autor (Bakhtin, 1997, p. 43), se considerarmos que os valores que acabam a imagem do outro são extraídas “do excedente de minha visão, vontade e sentimento” (BAKHTIN, 1997, p.47).

O homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, da sua visão e da sua memória; memória que o junta e o unifica e que é a única capaz de lhe proporcionar um acabamento externo. Nossa individualidade não teria existência se o outro não a criasse. A memória estética é produtiva: ela gera o homem exterior pela primeira vez num novo plano da existência.

Assim, a atividade estética desenvolve-se sempre nas fronteiras (e a forma da

imagem e da palavra são duas delas) da vida vivida e onde começa a outra vida que lhe é inacessível: a esfera de atividade do outro (BAKHTIN,1997 p.47).

Estou por inteiro dentro da minha vida e, se eu de alguma maneira pudesse ver o exterior da minha vida, esse exterior se integraria imediatamente à minha vivência interna, a enriqueceria de um modo imanente, ou seja, deixaria de ser exterioridade que, de fora, proporciona acabamento à minha vida, deixaria de ser a fronteira eventual de um finito estético que me proporcionaria, de fora, meu próprio acabamento BAKHTIN, 1997, p.101).

O que podemos ver e compreender, em relação ao outro, nos espaços e nas fronteiras existentes ente as imagens e as palavras? No mundo exterior o outro se oferece por inteiro à minha visão e posso captá-lo por inteiro:

A cada instante, vivo distintamente todas as fronteiras do outro, posso captá-lo por inteiro com a visão e o tato; vejo o traçado que lhe delimita a cabeça, o corpo contra o fundo do mundo exterior; no mundo exterior, o outro se mostra por inteiro à minha frente e minha visão pode esgotá-lo enquanto objeto entre os outros objetos, sem que nada venha ultrapassar o limite de sua configuração, venha romper sua unidade plástico-pictural, visível e tangível (BAKHTIN, 1997, p. 57).

Para tentar ilustrar o movimento e a significação que são construídas nos espaços e nas fronteiras entre imagens e palavras, apresentaremos uma análise do outro representada pelas imagens evocadas em depoimentos narrativos através da memória-trabalho de idosos que participam do projeto “Cidades saudáveis: uma proposta humanística de promoção da saúde do idoso no município de Sairé em Pernambuco”.

Segundo Alves (2002, p. 1),

na vida cultural contemporânea, dominada pela comunicação visual, o olhar virou comércio. Informações superficiais que não aprofundam os processos cognitivos, imagens pré-fabricadas que não admitem lembranças nem atitudes de contemplação são os fundamentos da comunicação midiática – comunicação que atribui mais valor ao quantitativo do que ao qualitativo. Assim, o olhar que nela é dominante acaba transformando o homem num ser sem memória e sem imaginação.

No entanto, é somente a partir da relação entre a experiência do passado e a experiência do porvir que o homem se torna um indivíduo ativo e crítico. [...]

Para o autor, numa alusão a Bosi (ALVES, 2002), essas imagens e informações em excesso saturam a “fome de conhecer, incham sem nutrir, pois não há uma lenta mastigação e assimilação”, não há tempo para o trabalho de seleção e interpretação do que mais significa, do que seria memorável (BOSI apud ALVES, 2002, p.1).

Assim, um movimento contrário à massificação de imagens e informações seria deixar emergir a memória do outro como força criadora, como uma *memória-trabalho* conforme aludido por autores, como Bosi (1995), em seu estudo pioneiro sobre a lembrança dos velhos, Alves (2006), em seu estudo sobre o processo mnemônico da obra do poeta paulista Glauco Mattoso, Sampaio, Barreto, Vale Neto, Ferreira da Silva, Aguiar, Santos, Silva (2006,a,b), em seus estudos sobre o método dialógico-discursivo e a memória-trabalho de idosos e de Vale, Sampaio, Barreto, Ferreira da Silva, Aguiar, Santos, Silva (2006), em estudo sobre a memória cronotópica de idosos, as quais oferecem perspectivas estimulantes acerca da memória, atribuindo-lhe o papel de uma *atividade de trabalho* de natureza psico-social.

Braga (2000), em seu livro “A constituição social da memória”, retoma diversas formulações sobre a natureza da memória advindas da pesquisa social, (HALBWACHS, BARTLETT, BERGSON). Já para DODEBEI e GONDAR, (2005), os sentidos do que vem a ser a memória estão articulados à própria diversidade de sua constituição e fim:

Tanto os signos simbólicos (palavras orais e escritas) quanto os signos icônicos (imagens desenhadas ou esculpidas) e mesmo os signos indiciais (marcas corporais, por exemplo), podem servir de suporte para a construção da memória. E o privilégio conferido a cada um desses sistemas de signos por uma sociedade ou por uma disciplina é capaz de trazer à memória uma significação diversa. (DODEBEI e GONDAR 2005, p.12)

A memória-trabalho é, pois, “esse de lapidar, de escolher e contrapor momentos diferentes, e de deixar transparecer o momento histórico, a relação familiar e todos) esses

contextos sendo reativados no momento da ação (FERREIRA DA SILVA, SAMPAIO, BARRETO, VALE NETO, AGUIAR, SANTOS, SILVA, 2006, p.7).

Para Alves (2002, p. 3),

é possível contrapor a memória dos que têm fortes vínculos com a vida ativa à dos que estão afastados dela. Absorvidos pelos trabalhos do presente, não nos preocupamos com o decorrido. Quando recordamos, o passado aparece como sonho, lugar isolado do atual. Nesse caso “vida prática é vida prática, e memória é fuga, arte lazer”. Já ao nos afastarmos, de maneira crítica, da vida ativa, quando recordamos nos ocupamos “consciente e atentamente do próprio passado”. É pela relação de oposição entre vida ativa e memória, que podemos entender esta como um fenômeno criador.

Que sentidos os idosos de Sairé constroem em relação a esse outro que é a velhice e ao processo de envelhecimento no âmbito da saúde, em seus diversos aspectos –“ físicos, psico-afetivos e sociais, numa perspectiva espaço-temporal do presente, passado e futuro? Estas são algumas questões que tentaremos responder em nossa análise.

Imagens verbais no tempo-espaço da memória-trabalho dos idosos de Sairé

Para Bakhtin (1997, p.122), “A *memória* que tenho do outro e de sua vida difere, em sua essência, da contemplação e da lembrança da minha vida: essa memória vê a vida e seu conteúdo de uma forma diferente, e apenas ela é produtiva (a lembrança e a observação da minha própria vida podem fornecer-me os elementos de um conteúdo, mas não podem suscitar uma atividade geradora da forma e do acabamento)”. Com isso o autor parece sugerir que somente a memória de uma vida passada pode assegurar o acabamento estético do outro. Nesse sentido, a constituição da memória do *eu* se daria na confluência da memória do *outro*. Trata-se, pois, de uma memória, ao mesmo tempo individual e coletiva, ligada a uma consciência verbal ancorada na vida social dos indivíduos. E esse “outro”, em relação ao idoso, é o “eu” visto na perspectiva do passado:

Eu fui muito sofrido. Na minha casa foram dez filho. Eu criei e ainda tão, eles tão tudo vivos, num sabe? Eu sofri muito. Se há uma criatura sofredora, eu fui um dos tar, num sabe? Por que eu não sei contar nada de beleza, mas tudo de coisa fraca, de fraqueza, num é? Eu me criei desse jeito, para melhor de lhe dizer, os lugares perto que tem por aqui. É mais fácil dizer que conheço os mais longe de que os de perto, porque na minha vida só foi sair de casa, sair e trabalhar. [...] Sofri tanto, já fui tanto doente, que eu não sei, não sei nem contar nada, a minha vida como foi, num sabe? Proque se eu for contar a senhora eu penso que o resto do dia não dá preu contar o sofrimento que eu sofri. Deus é quem dá conta, né? (J.A.D.S, 92 anos).

E é justamente esse “passado” que possibilita, ao idoso, reconstituir, no presente, uma identidade, dar-lhe uma forma de acabamento estético: só ele é capaz de conhecer, preservar e reconstituir o outro. “[...] e tudo isso é feito a fim de que minha própria memória das coisas do mundo e da vida se torne, por sua vez, memória estética. [...]”. (BAKHTIN, 1977, p.122). Uma memória que atravessa o tempo, que deixa marcas de uma história. Uma história que é marcada pelo Divino e pelo Profano e que está inscrita na própria história da humanidade: o que Deus criou para cumprir um ciclo de vida. A vida sobrepõe-se como um valor máximo a ser preservado até o fim dos tempos, conforme o relato de um idoso de mais de noventa anos:

Pra mim a velhice num ponto é uma fraqueza muito grande, mas pra quem nasceu pra ser velho tem que cumprir um tempo... Tem que chegar num tempo e cumprir ele até quando chegar o dia que Deus marcou, num é? Pronto. Mas coisa que lhe agrada num é não... lhe agrada quando a gente é moço, tudo alegre...mas é coisa que a gente não pode dar jeito, só quem pode dar jeito é Deus, e ele não deixou ninguém pra dar jeito então a gente tem que cumprir do maior ao mais pequeno, do mais bonito ao mais feio, do melhor, do mais bom, do mais ruim ou do mais rico ou do mais pobre...Tem que cumprir o tempo que Deus marcou, entonce aquele que Deus não marcou também não procure, porque o pessoal teima em dizer que a gente só morre no dia que Deus marcou... Mas se sair agora e for insultar, agora eu não espero que Deus me marcou isso, que Deus não vai marcar nada de ruim pra ninguém... Mas se eu sair agora e for insultar um e outro e outro... eu morro hoje, mas se eu não fizer assim ainda tem esperança de vida. (J.A.D.S, 92 anos).

Apenas a memória pode avançar, o esquecimento nunca. A memória regressa à origem e renova-a. (BAKHTIN, 1997, p.122). A origem, para M.A.D.A., uma mulher de 73 anos e de seu Q.A.S., um homem de 67 anos), era o tempo em que podiam trabalhar, “enfrentar o trabalho”. A memória do trabalho para eles permanece como algo muito importante a ser preservado e ressignificado.

Quando a gente tamo bem, com saúde, que a gente pode trabalhar, é maravilhoso, e quando tem idade, num é? Por que, uma pessoa, embora que eu tenha saúde, uma pessoa da minha idade não pode enfrentar trabalho, por conta da minha idade, num é? Isso é por que eu vivo, eu tenho saúde, porque é como se diz, eu me guardo, me reservo, né? Mas se eu me avoasse acima de tudo, o que que é que eu era? Num é? Era pessoas muito doente e muito acabada, por conta da minha idade, mesmo que já não pede que faça isso, num é isso? Aí pronto... mas eu sei que o trabalho é uma coisa muito importante, é muito bom. (M.A.D.A., 73 anos).

Olhe, trabalho é tanta coisa... Tudo quanto eu for fazer, tô trabalhando. Como eu acabei de falar ainda agora: vocês tão trabalhando! O trabalho, olhe, ele comove com muita coisa. Comove com a preocupação com o destino da pessoa, com a assistência, o modo de viver, até passar o dia-a-dia é um trabalho que o camarada tem com ele. E eu tenho esse senso de responsabilidade, eu gosto de trabalhar [...] (A.Q.S.) (67 anos)

O acabamento estético do discurso propiciado pela memória-trabalho, mencionado pelo autor (BAKHTIN, 1997), pode ser aplicado tanto à forma material assumida pela forma narrativa verbal dos idosos, quanto aos efeitos de sentido que tais formas evocam, não de uma forma finita, mas aberta a um número infinito de novas significações. Com isso, queremos dizer que recuperar a memória dos idosos, através de imagens verbais significa recuperar os sentidos de suas vidas, não como algo acabado, que pertence somente ao passado, mas como sentidos que podem ser ressignificados no presente e construir a perspectiva de um futuro. É como o caso de M.A.D.A., que, quando jovem, fazia todo o tipo de trabalho na roça e o trabalho doméstico. Aprendeu, assim, o valor do trabalho. E, quando o seu corpo cansado já não mais suportava o trabalho duro, encontrou uma forma de ressignificar o trabalho na velhice, ajudando o outro:

Graças a Deus, eu faço minhas oração, graças a Deus eu curo aquela pessoa e aquela pessoas fica boa e pra mim é uma maravilha, é um trabalho que eu tenho, pra mim é uma maravilha, é uma beleza que eu nasci, foi dote que Deus me deu que eu nasci assim e assim eu vou morrer. De silvir e ajudar, eu desde pequena que tive esse dote, desde pequena, e tô dessa idade e tô do mesmo jeito, e peço a Deus que me dê saúde pra ajudar quem precisar de mim... é um gosto que eu tenho, eu vivo de qualquer maneira pra ajudar os doentes, tá doente ali, eu vou ajudar ele, vou tratar dele, dar um cumezinho a ele, se não tiver em casa eu levo da minha casa, porque graças a Deus eu posso, eu tô aposentada e eu tenho... eu faço minhas coisinhas, eu posso ajudar aquele que precisa, tando ele precisando de mim é comigo mesma. Pronto, é esse trabalho, é um trabalho maravilhoso que eu tenho. Que pra mim não é trabalho é uma boa vontade... é um gosto que eu tenho, é um gosto que eu tenho. (M.A.D.A., 73 anos).

Considerações Finais

Os espaços da memória nos remetem, como vimos, a um vasto campo de significações. Quando nos referimos a tais espaços, não pretendemos aludir à ideia de uma mera *reacção*, mas à reconstrução ativa de acontecimentos na perspectiva de uma ação de natureza psíquica e social intermediada pela linguagem e pelas imagens que elas evocam. As narrativas dos idosos de Sairé remetem a uma memória-trabalho dotada de intensa representação imagética a qual dialoga permanentemente com um presente e um passado imbricados em realidades históricas, sociais e culturais.

As imagens verbais que existem entre o espaços do presente, do passado e do futuro possibilitam, ao analista-pesquisador, que a memória narrada desvele uma multiplicidade de sentidos, construções e desconstruções sobre a velhice e o processo de envelhecimento desses idosos.

Tais imagens, recuperadas através da memória-trabalho, sugerem que os idosos (homens e mulheres) ainda manifestam o desejo de serem úteis na idade avançada, o que pode ressignificar o posicionamento do ato de trabalhar, considerado aqui tanto em seu caráter real como simbólico

Para finalizar, é esse complexo movimento de ida-vinda entre o fazer e o dizer, entre a atividade e a memória do passado que permite, a esses idosos, uma compreensão ampliada não apenas acerca dos significados de suas vidas no passado, como também apontam o direcionamento laborioso de suas memórias no presente e sinalizam para a projeção de uma vida ressignificada no futuro.

Referências Bibliográficas

- BRAGA, Elisabeth dos Santos. A constituição social da memória. Uma perspectiva histórico-cultural. Rio Grande do Sul: Editora Unijui, 2000.
- BOSI, Ecléa *Memória e sociedade* lembranças de velhos. 4.ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- DODEBEI, Vera e GONDAR, Jô(orgs.) O que é memória social? Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria
- ALVES, Franklin. Esse elogio da sombra: poesia e cegueira em Glauco Mattoso www.revistazunai.com.br/ensaios/elogio_sombra_poesia_glauco_mattoso.htm - Zunái Revista de Poesia e Debates, 2002. - ANO III - Edição IX - Abril de 2006 - acesso em 19 Ago 2006.
- BAKHTIN, Michail.(1979/1997). *Estética da criação verbal*. 2. ed. Trad. do francês de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, em formato eletrônico.
- FERREIRA DA SILVA, Igor Frederick Cabral. SAMPAIO, Maria Cristina Hennes. BARRETO, Kátia Magdala Lima, VALE NETO, João Pereira, AGUIAR, Keyla Rodrigues, SANTOS, Maria Cecília Vasconcelos, SILVA, Ana Paula Ribeiro da (2006). Cidades saudáveis: uma proposta humanística de promoção da saúde do idoso no município de Saíre: O Hábitus na Comunicação. Trabalho completo. CONIC, Recife, Universidade Federal de Pe/Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.
- SAMPAIO, Maria Cristina Hennes. BARRETO, Kátia Magdala Lima, VALE NETO, João Pereira, FERREIRA DA SILVA Igor Frederick Cabral AGUIAR, Keyla Rodrigues, SANTOS, Maria Cecília Vasconcelos, SILVA, Ana Paula Ribeiro da (2006a). Linguagem e envelhecimento. Diálogo entre linguistas e gerontólogos e aplicações m ações integradas de saúde. Trabalho completo. Anais do 14º. Congresso Brasileiro de Ergonomia, Curitiba. Em Cd-rom.

SAMPAIO, Maria Cristina Hennes. BARRETO, Kátia Magdala Lima, VALE NETO, João Pereira, FERREIRA DA SILVA Igor Frederick Cabral AGUIAR, Keyla Rodrigues, SANTOS, Maria Cecília Vasconcelos, SILVA, Ana Paula Ribeiro da (2006b). O método dialógico-discursivo. Aplicações em estudos da memória-trabalho. Trabalho completo. Anais do Simpósio Internacional – Métodos Qualitativos em Ciências Sociais e na Prática Social. Em Cd-rom.

VALE NETO, João Pereira, SAMPAIO, Maria Cristina Hennes, BARRETO, Kátia Magdala Lima, FERREIRA DA SILVA Igor Frederick Cabral, AGUIAR, Keyla Rodrigues, SANTOS, Maria Cecília Vasconcelos, SILVA, Ana Paula Ribeiro da (2006) A memória Cronotópica como dado qualitativo da saúde dos idosos.) Anais do Simpósio Internacional– Métodos Qualitativos nas Ciências Sociais e na Prática Social, Recife. Em Cd-Rom.

WALL, Antony (1998). Apontamentos do seminário *La parte amme image L'ímage amme parte* Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

Notas

AUTOR(ES)

¹ Maria Cristina Hennes Sampaio, Profª. Dra.

Universidade Federal de Pernambuco
Departamento de Letras
mchennes@hotmail.com.br

² Katia Magdala Lima Barreto, Profª. Ms

Universidade Federal de Pernambuco
Departamento de Terapia Ocupacional
katmag@nlink.com.br

³ Ludmila Mota de Figueiredo Porto, Mestranda

Universidade Federal de Pernambuco
Programa de Pós-Graduação em Letras
ludmila@smart.net

⁴ João Pereira Vale Neto, Mestrando

Universidade Federal de Pernambuco
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
jono.vale@gmail.com